

ANÁLISE DA PESQUISA

**VIOLÊNCIA
NAS ESCOLAS:**

**O OLHAR DOS
PROFESSORES**

APEOESP

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: O OLHAR DOS PROFESSORES

Apresentação

Realizada para a APEOESP pelo Instituto Data Popular, a pesquisa Violência nas Escolas: O Olhar dos Professores retrata o ponto de vista da nossa categoria sobre um fenômeno que vem se tornando cada vez mais grave nas escolas públicas estaduais.

A presente publicação apresenta os principais dados da pesquisa, procurando analisá-los a partir de uma concepção educacional que pressupõe o papel central que os professores ocupam no processo ensino-aprendizagem e a necessidade de que lhes sejam asseguradas condições de trabalho, salários justos, jornada de trabalho e carreira adequadas para que possam cumprir o relevante papel que deles se espera.

A pesquisa deu voz aos professores num primeiro momento e já estamos trabalhando numa segunda pesquisa, que ouvirá também estudantes e pais, para que tenhamos uma visão abrangente sobre o problema, de maneira que possamos chegar também às propostas que melhor atendam às expectativas da comunidade escolar.

A alta incidência de casos de violência dentro das escolas implica, evidentemente, num problema de segurança para as pessoas que nela estudam e trabalham. Fundamentalmente, porém, a violência compromete de forma irremediavelmente o processo educativo. A violência, seja ela verbal ou física, é incompatível com a finalidade de uma instituição educativa. Preveni-la e combatê-la são tarefas que devem envolver todos os segmentos da comunidade escolar, as autoridades educacionais e a sociedade.

A APEOESP quer continuar contribuindo de forma ativa para este trabalho, como já vem fazendo desde 1999, quando lançou a campanha Paz nas Escolas. De lá para cá, este tema tem sido permanentemente abordado em nossos Congressos e Conferências (em 2006, realizamos nossa primeira pesquisa sobre o tema com professores participantes do XXI Congresso), bem como em eventos especialmente convocados para este fim.

Desta forma, nosso sindicato propôs à Secretaria Estadual de Educação, ao final da greve dos professores (19 de abril a 10 de maio de 2013) uma parceria para o desenvolvimento de um projeto de prevenção e combate à violência nas escolas. Com a anuência da SEE, este projeto começará a ser desenvolvido, buscando conscientizar estudantes, pais, professores e demais segmentos da comunidade escolar e, também, disseminar em toda a sociedade o debate em torno do tema.

Esperamos que esta publicação possa ser utilizada nas escolas, nas salas de aula e em todos os espaços em que puder representar uma efetiva contribuição para que todos nós, juntos, possamos reduzir drasticamente as ocorrências de violência nas escolas de forma que, no futuro, este tipo de problema possa ser erradicado das instituições públicas de ensino do Estado de São Paulo.

Maria Izabel Azevedo Noronha

Presidenta da APEOESP

I. Introdução

A divulgação pela mídia de seguidos e graves casos de agressão física contra professores e professoras nas escolas públicas de todo o Brasil tem levado a sociedade a dar maior atenção a este problema, cujo agravamento é um dos fatores, ao lado das precárias condições de trabalho, que causam o adoecimento e consequente licenciamento e afastamento dos profissionais da educação das redes públicas de ensino.

Entretanto, passado o impacto da divulgação de um caso de violência escolar, a sociedade tende a esquecê-lo, até que um novo acontecimento desperte a sua indignação. Enquanto isso a situação segue agravando-se, sem que o poder público, as comunidades escolares e o conjunto da sociedade consigam encontrar soluções eficazes e duradouras para o problema.

O fenômeno da violência escolar não é recente e não é característico das escolas brasileiras. Ainda na década de 1950, nos Estados Unidos, já era um tema que preocupava as autoridades educacionais, agravando-se ao longo do tempo até transformar-se em um problema social realmente preocupante, relacionado com a disseminação do uso de drogas, o movimento de formação de gangues – eventualmente ligadas ao narcotráfico – e com a facilidade de portar armas, inclusive as de fogo. Tudo isso tendo como pano de fundo o fato de que as escolas perderam o vínculo com a comunidade e acabaram incorporadas à violência cotidiana do espaço urbano. (Abramovay, Miriam, 2002).¹

No Brasil, diversos fatores colaboram para aumentar a violência social, tais como a urbanização característica de países em desenvolvimento, que traz um grande fluxo de pessoas para as áreas urbanas e assim contribui para um crescimento desordenado e desorganizado das cidades. Colaboram também para o aumento da violência as fortes aspirações de consumo, em parte frustradas por baixos salários e eventuais dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

As causas da violência são associadas, em parte, a problemas sociais como miséria, fome, desemprego. Mas nem todos os tipos de criminalidade derivam das condições econômicas. Além disso, um Estado ineficiente e sem programas de políticas públicas de segurança, contribui para aumentar a sensação de injustiça e impunidade, agravando as causas da violência.

Além disso, a violência estampada nas ruas das cidades, a violência doméstica, os latrocínios, os contrabandos, os crimes de colarinho branco têm levado jovens a perder a credibilidade quanto a uma sociedade justa e igualitária, capaz de promover o desenvolvimento social em iguais condições para todos, tornando-os violentos, conforme esses modelos sociais. (Camargo, Orson, 2013).²

(1) O Bê-á-Bá da Intolerância e da Discriminação. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf - Acesso em: 07/07/2013

(2) Violência no Brasil, outro olhar. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/violencia-no-brasil.htm> - Acesso em: 07/07/2013

Diversos estudos e pesquisas demonstram que os jovens brasileiros, principalmente os de idades entre 15 e 24 anos, são a faixa populacional mais exposta à violência, quer como vítimas ou como agentes. De acordo com o Mapa da Violência 2013, a mortalidade por armas de fogo entre os jovens de 15 a 29 anos passou de 4.415 óbitos em 1980 para 22.694 em 2010: 414% nos 31 anos entre essas datas, sendo bem maior que as taxas ocorridas entre a população não jovem (Waiselfisz, Julio, 2013). Deve ser levado em conta, ainda, que de acordo com o censo populacional do IBGE de 2010, citado no estudo, os assassinatos por armas de fogo vitimaram 133% mais negros que brancos.

A violência, porém, em sua forma mais geral, se apresenta nas mais diversas configurações e pode ser caracterizada como violência contra a mulher, a criança, o idoso, violência sexual, política, violência psicológica, física, verbal, dentre outras. Algumas destas configurações refletem-se no interior das escolas, afetando as relações entre professores e estudantes e entre os próprios estudantes e prejudicando o processo ensino-aprendizagem.

A violência na escola associa-se a três dimensões sócio organizacionais distintas. Em primeiro lugar, à degradação no meio ambiente escolar, isto é, à grande dificuldade de gestão das escolas, resultando em estruturas deficientes. Em segundo, a uma violência que se origina de fora para dentro das escolas, por meio do intermédio da penetração das gangues, do tráfico de drogas e da visibilidade crescente da exclusão social na comunidade escolar. Em terceiro, relaciona-se a um componente interno, específico de cada estabelecimento, como demonstra Abramovay (2002, p. 231). (Silva, Maria Gracirene; Soares, Gladys; Silva, Jovina).³

Chama a atenção que existe uma tendência à naturalização da percepção das violências nas escolas. Por exemplo, as brigas, os furtos e as agressões verbais são considerados acontecimentos corriqueiros, sugerindo a banalização da violência e sua legitimização, como mecanismo de solução de conflitos. (UNESCO, 2013).⁴

Na rede estadual de ensino de São Paulo este problema está presente há vários anos, agravando-se ao longo do tempo. Em 1999, quando começaram a se generalizar casos de agressões e vandalismo nas escolas, a APEOESP realizou uma manifestação com mais de 10 mil pessoas no centro da capital, na qual a questão da violência ganhou destaque. A entidade também lançou a campanha "Paz nas Escolas", com o objetivo de discutir com a sociedade civil as causas do problema e possíveis soluções. Uma das atividades da Campanha foi uma teleconferência, transmitida às escolas, que contou com a participação de professores de todo o Estado.

Diante da omissão das autoridades, a campanha foi intensificada em 2002. Naquele ano, a Secretaria da Educação divulgou índices parciais sobre a violência nas escolas, baseados apenas em relatórios de diretores e registros policiais. Em contraposição, a APEOESP realizou uma aula pública para demonstrar que os dados do governo não refletiam a realidade e, também, para denunciar a política de "aprovação automática" dos estudantes do ensino fundamental, o que, no nosso entendimento, contribui para reduzir a autoridade do professor e para o aumento da indisciplina e da violência no interior das unidades escolares.

Nós, da APEOESP, acreditamos que o Estado tem demorado muito para agir. Pesquisa realizada em 2006 pela APEOESP, em conjunto com o DIEESE (Departamento

Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos), junto aos participantes do XXI Congresso Estadual da entidade indicou que 87% dos professores e professoras da rede estadual haviam tomado ciência de casos de violência em suas escolas. A agressão física foi citada por 82% dos entrevistados como rotineira, só perdendo para agressão verbal (96%) e atos de vandalismo (88,5%). Além disso, 70% dos entrevistados afirmam saber de casos de tráfico de drogas no ambiente escolar e 67% de consumo pelos alunos. Tínhamos razões para acreditar que essa situação tenderia a se agravar ainda mais, o que a pesquisa que ora analisamos confirma. A superlotação das salas de aula, que ainda persiste, foi apontada naquela pesquisa como um dos fatores que mais contribuem para a violência nas escolas, por 77,3% dos entrevistados.

Frente a este quadro e ao noticiário sobre a crescente ocorrência de casos de agressões contra professores no interior das escolas, a APEOESP criou em 2009, em sua página na internet,⁵ o "Observatório da Violência", no qual os professores podem registrar casos de violência na escola e, se necessário, receber assistência jurídica do sindicato, além de terem acesso a notícias, artigos, estudos e enquetes sobre o problema da violência escolar. Registre-se que o departamento jurídico da APEOESP tem atuado em diversos casos dessa natureza.

Mais recentemente, outra questão vem se somar ao já complicado quadro da violência escolar: o chamado assédio escolar (bullying). O trágico massacre de Realengo, ocorrido no dia 7 de abril de 2011 na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro, despertou a atenção da sociedade para esse problema, que contribui sem dúvida para adensar o clima de insegurança vivenciado por professores, estudantes e suas famílias e demais segmentos da comunidade escolar.

Por isso, a APEOESP lançou naquele mesmo mês a Campanha "Cuidado: o Assédio Escolar (Bullying) Mata!", destinada a promover nas escolas e demais ambientes sociais um debate sobre causas, consequências e formas de prevenir o assédio escolar. Também por iniciativa da APEOESP está tramitando na Assembleia Legislativa projeto de lei que cria, na primeira semana de abril, o Dia Estadual de Combate e Prevenção ao Assédio Escolar (bullying).

Quando o governo responsabiliza o professor pelos problemas da educação e institui uma série de provinhas para "avaliar" nossa capacidade profissional, desconsiderando nossa prática de ensino e experiência, contribui diretamente para aumentar a indisciplina e o desrespeito para com toda a categoria. Estas avaliações têm servido tão somente para punir e excluir docentes.

(3) SILVA, Maria gracirene lima e; SOARES, Gladys Maria Rosa Saraiva; SILVA, Jovina da. Violência escolar: implicações no processo ensino-aprendizagem. UFPI. Disponível em: http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt7/GT7_2006_04.PDF
Acesso em: 07/07/2013

(4) <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/unesco-resources-in-brazil/studies-and-evaluations/violence/violence-in-schools/>
Visualizado em 07/07/2013

(5) <http://www.apecoesp.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/>

A violência no interior das escolas não se resume a um problema de segurança, embora seja necessária a presença efetiva da ronda escolar no entorno das unidades escolares para prevenir a presença do tráfico de drogas, vândalos, gangues e outros criminosos. A grande saída é o investimento, não apenas material, mas na valorização dos profissionais da Educação e a instituição de mecanismos de gestão democrática que aproximem os alunos e suas famílias da escola.

Se a escola não se tornar um lugar prazeroso para seus alunos, respondendo a seus anseios e se a autoridade do professor não for reconstituída, por meio de políticas de valorização, a violência escolar vai persistir. Por isso, cabe ao governo desenvolver políticas públicas integradas, nas quais a questão da violência não seja vista de forma isolada e fragmentada, mas como parte de uma política educacional que assegure ensino de qualidade para todos.

II. Como a violência nas escolas afeta o processo ensino-aprendizagem

A Constituição Federal, em seu artigo 205, estabelece a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, e que ela será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. A seguir, no artigo 208, a Constituição detalha as obrigações do Estado para com a Educação, no sentido de provê-la, garantindo o acesso de todos e os recursos necessários para que ela ocorra.

Ao instituir a educação como dever do Estado e da família, a Carta Magna deixa patente que a esta última não cabe apenas o papel de recolher os tributos necessários à sustentação material do processo educativo. Cabe-lhe, muito mais que isto, um papel ativo no sentido de promover a educação de seus filhos.

Isto fica ainda mais claro se entendermos a educação para a além do ensino regular que é ministrado nos estabelecimentos oficiais. Precisamos compreender a educação como parte fundamental do processo civilizatório, que deve começar em casa, desde a mais precoce idade da criança.

Neste sentido, a ausência de valores básicos na formação da criança e as deficiências na interação entre pais, filhos e educadores pode explicar, em grande parte, a violência que atualmente se verifica no interior das escolas.

Na atualidade, pais e mães precisam cada vez mais trabalhar fora para assegurar o sustento de suas famílias. Na grande maioria dos casos, terminam por transferir à escola o papel de educar seus filhos, não apenas no que se refere à transmissão do conhecimento, mas nos seus termos mais gerais, sem se darem conta de que professores e professoras, por mais que se esforcem, não poderão substituí-los na tarefa de transmitir determinados valores que só podem ser verdadeiramente assimilados em casa, na convivência familiar. A escola, dessa forma, se vê obrigada a assumir a maior parte da

responsabilidade na educação de crianças e adolescentes, sem que esteja preparada para isto.

A pedagoga Vânia de Moraes Lima Cortez escreve que "Em nossa experiência em estágios supervisionados notamos a existência de famílias que consideram seu filho como tal apenas em um curto intervalo de tempo, ou seja, quando ele não está na escola. Para esta família, a escola é inteiramente responsável por seu filho, bem como por todas as suas atitudes para formação e educação dos mesmos. Geralmente a família não quer se envolver, não tem interesse em saber se o filho está aprendendo ou não, não aparece na escola nem quando é solicitada, há total falta de interesse pela prole. A criança sente esse distanciamento, o que configura numa falta de amor, afetando o psicológico infantil." ⁶

As crianças, por outro lado, absorvem os exemplos, repetindo-os em sociedade, da forma que os adquiriu. Se os responsáveis têm atitudes violentas, como é possível esperar que a criança respeite professores, funcionários da escola ou mesmo os colegas? Muitos pais e responsáveis estimulam os filhos à competitividade e a agressividade. Eles acreditam que assim formarão pessoas capazes de lidar com o mundo. No entanto, muitas vezes estão, ao contrário, formando cidadãos sem escrúpulos e com uma visão de mundo totalmente negativa. (Soares, Tatiana, 2008). ⁷

A primeira consequência das atitudes de violência sobre o processo ensino-aprendizagem é que elas geram insegurança entre professores, funcionários, estudantes e todas as demais pessoas presentes no ambiente escolar. As atitudes violentas, como já vimos, podem se concretizar em atitudes como agressões verbais e físicas, ameaças, bullying, depredações das dependências das escolas, furtos, roubos e outros delitos associados à formação de gangues ou à presença do tráfico de drogas no entorno ou mesmo no interior da unidade escolar.

Constata-se que a violência, praticada em relação ao patrimônio público, é decorrente da falta de conscientização da sociedade, bem como da clientela escolar sobre o significado do que é público, considerando como as instituições, se apresentam para os seus usuários. Silva, Maria Gracirene; Soares, Gladys; Silva, Jovina). ⁸

(6) Cortez; Vânia de Moraes Lima. O impacto da violência escolar sobre o aprendizado dos alunos. Universidade Estadual de Maringá. 2002. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/VANIA_M_CORTEZ.PDF
Visualizado em: 07/07/2013

(7) <http://topseal.blogspot.com.br/2008/09/o-papel-da-familia-frente-violencia.html>
Visualizado em: 07/07/2013

(8) SILVA, Maria gracirene lima e; SOARES, Gladys Maria Rosa Saraiva; SILVA, jovina da. Violência escolar: implicações no processo ensino-aprendizagem. UFPI. Disponível em: http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt7/GT7_2006_04.PDF
Acesso em: 07/07/2013

Dentro da sala de aula, a indisciplina dos estudantes é um dos fatores que atrapalham o desenvolvimento das aulas, prejudicando a aprendizagem. Na busca de explicações para o agravamento da indisciplina na escola, estudiosos e pesquisadores localizam na falta de educação em casa a origem primária desta indisciplina. Ou seja, o indivíduo não assimilou regras básicas de convivência social, acha que tudo é permitido e, desta forma, individualmente ou em grupo ele atormenta professores e, na medida em que estes não apresentam condições para controlar este aluno ou este grupo, a bagunça se alastra na sala e pode, simplesmente, inviabilizar a aula.

Ao mesmo tempo, apontam estes pesquisadores, a indisciplina dos estudantes pode ser agravada por fatores ambientais, decorrentes de projetos arquitetônicos inadequados; pelas condições estruturais das escolas; pela superlotação das salas de aula; pela inadequação dos currículos escolares às necessidades atuais dos estudantes; e, ainda, pelo fato de as escolas não incorporarem ao processo ensino-aprendizagem tecnologias e conteúdos a que estes estudantes tem tido acesso em função da generalização da internet, celulares e outros meios de comunicação.

A pesquisadora Flávia Schilling, no prefácio à publicação *Violência nas escolas: uma visão dos delegados da APEOESP (2007)*, aborda algumas das questões que podem estar na raiz do que denominou "mal estar" presente nas escolas e que podem contribuir para o agravamento do quadro de violência escolar:

"Podemos imaginar a existência de um desencontro educativo entre professores e seus alunos. Algumas respostas estariam difíceis de serem dadas: 'para que serve a escola, qual é a utilidade destes estudos, quais são as regras, o que você quer de mim, poderei mudar meu destino social aprendendo tudo isso?'"

Talvez, nas escolas atuais, não se saiba responder sobre as funções da escola e da educação escolar, de integração, distribuição e subjetivação e principalmente, a da importância do conhecimento para uma vida digna. Há uma pergunta que subjaz: "para que serve a escola?" Como estabelecer os acordos necessários para uma vida de encontros humanizadores em sala de aula? Como lidar com os evidentes conflitos entre gerações, gênero, raças-etnias-religiões, saberes, próprios da instituição?"⁹

O fato é que, quando o aluno sofre, devido a um clima pesado em casa, ou problemas familiares em geral, ele chega à escola e não encontra nada que promova bem estar, então, por meio de atitudes indisciplinadas e agressivas tanto de forma verbal quanto física, começa a exteriorizar seus conflitos pessoais. Mas para aquele que é agredido, a escola é o local de tortura, pois ele sabe que pode vir a sofrer agressões novamente, então nem o agressor e nem o agredido estão em condições psicológicas adequadas para aprender.¹⁰

Ao mesmo tempo, o professor também é envolvido por este "mal estar". Cada vez mais desvalorizado do ponto de vista profissional e incapaz de cumprir um papel que a família

do estudante dele espera, mas que foge às suas competências e para o qual não está preparado, ele pode transpor para suas aulas os reflexos desta situação.

O professor entra na sala de aula com o sentimento de que não está sendo valorizado, tanto pelo seu salário quanto pelo corpo da escola, fica incomodado devido ao estado de tensão que é alto, apreensivo e assim, um tanto descompensado, acaba por assumir e desenvolver insatisfatoriamente sua função. Existe um acúmulo de situações que o perturbam, certamente sua aula será deficiente. Portanto, ela até pode acontecer, mas a aprendizagem não.

O professor, quando entra em sala não está inteiro, devido as suas preocupações, na verdade ele não sabe o que pode ocorrer a qualquer momento, a sua aula já não está acontecendo como deveria, e ainda pode vir a ser interrompida por agressões orais ou físicas.¹¹

Desta forma, a violência nas escolas é, ao mesmo tempo, causa e consequência das deficiências do processo ensino-aprendizagem e as causas deste problema podem ser localizadas tanto fora como, principalmente, dentro das próprias unidades escolares.

Se os estudantes não estão motivados a aprender, e aqui se ressalta o papel das famílias, e se os professores não estão, por sua vez, igualmente motivados à tarefa de ensinar, cria-se uma situação na qual a criança ou o jovem vai expressar pela violência, nas suas mais diversas formas, suas insatisfações, angústias e revolta por estar realizando algo que vai contra a sua vontade. O professor, diante de uma situação que foge ao seu controle, vai adoecer, por vezes vai abandonar a profissão, ou vai executar de forma mecânica e desinteressada seu ofício. O resultado desta desastrosa equação é a queda na qualidade do ensino e, por consequência, na aprendizagem dos estudantes.

(9) Pesquisa DIEESE/APEOESP - Violência nas Escolas: uma visão dos delegados da APEOESP. 2007

(10) Cortez; Vânia de Moraes Lima. O impacto da violência escolar sobre o aprendizado dos alunos. Universidade Estadual de Maringá. 2002. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/VANIA_M_CORTEZ.PDF
Visualizado em: 07/07/2013

(11) Cortez; Vânia de Moraes Lima. O impacto da violência escolar sobre o aprendizado dos alunos. Universidade Estadual de Maringá. 2002. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/VANIA_M_CORTEZ.PDF
Visualizado em: 07/07/2013

III. A Pesquisa

Ao estabelecer uma parceria com o Instituto Data Popular para a realização de uma pesquisa com professores da rede estadual de ensino em todas as regiões do Estado de São Paulo, a APEOESP quis dar voz àqueles que tem sido grandes vítimas das agressões verbais e físicas dentro das escolas estaduais. Quisemos ouvir os professores para obtermos um ponto de partida para o enfrentamento deste grave problema e, também, para termos condições de estender nossa investigação para outros dois segmentos fundamentais que compõem a comunidade escolar (os estudantes e os pais) e, assim, termos uma ideia mais global das causas deste fenômeno.

Metodologia

Realizada entre 18/01/2013 a 05/03/2013, a pesquisa ouviu 1.400 professores e professoras em 167 cidades de todas as regiões do Estado de São Paulo, envolvendo a capital, cidades grandes, médias e pequenas. Seu objetivo foi verificar e analisar as percepções dos professores sobre suas condições de trabalho, sobre a segurança no bairro e na escola, sobre os tipos de violência que ocorrem nas escolas, a frequência com que ocorrem e as medidas tomadas e a sua compreensão sobre os fatores que geram a violência e ações que poderiam reduzi-la.

Assim, este estudo traz informações e opiniões dos professores sobre a violência no ambiente escolar, as ações da escola diante da violência, o que poderia diminuir a violência, conclusões e oportunidades.

Metodologia do estudo

Pesquisa quantitativa com abordagem telefônica, através de um questionário estruturado, com em média 30 minutos de duração.

PESQUISA QUANTITATIVA TELEFÔNICA	
Perfil da amostra	Professores da rede estadual, afiliados à APEOESP
Amostra Total	1.400 casos (200 casos por regional)
Praças	Capital / Grande São Paulo, Bauru / Marília, Campinas / Piracicaba / Sorocaba, Baixada Santista / Vale do Ribeira, São José dos Campos / Vale do Paraíba, Ribeirão Preto / Araraquara, São José do Rio Preto / Araçatuba / Presidente Prudente
Período de Campo	18/01/2013 a 05/03/2013
Ponderação	Os dados foram ponderados de acordo com a distribuição dos professores estaduais entre as praças, sexo e nível de ensino, conforme parâmetros disponibilizados pela APEOESP e Censo Escolar.

Composição do Quadro do Magistério

A rede estadual de ensino de São Paulo possui 225.974 profissionais no Quadro do Magistério, sendo 219.089 docentes. Veja abaixo a composição dos professores da rede de acordo com o cargo/função, segundo dados oficiais:

Quadro do Magistério por Vínculo Funcional e Cargo

Rede Estadual de São Paulo - Março de 2013

QUADRO / CARGO	EFETIVOS		NÃO EFETIVOS		EM COMISSÃO		DESIGNADOS		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
PROFESSOR EDUCAÇÃO BÁSICA I	22.243	41,2	31.704	58,8	-	0,0	-	-	53.947
PROFESSOR II	-	0,0	67	100,0	-	0,0	-	-	67
PROFESSOR EDUCAÇÃO BÁSICA II	98.638	59,8	66.410	40,2	-	0,0	-	-	165.048
TOTAL	120.881	55,1	98.181	44,8	87	0,0	1.894	0,0	219.052

Fonte: Cadastro Funcional da Educação / SEE - Março de 2013
Elaboração: DIEESE

Ressalte-se o elevado número de professores não efetivos na rede estadual de ensino. Devemos lembrar que a APEOESP conquistou em 2009 a edição de um decreto do Governo Estadual que estabeleceu a periodicidade máxima de quatro anos para a realização de concursos públicos para contratação de professores. Assim, procura-se reduzir o número de professores não efetivos, sobretudo contratados por tempo determinado, de forma a reduzir a rotatividade, assegurar direitos e estabilidade e, assim, criar condições para que as escolas possam planejar melhor suas atividades e formular projetos político-pedagógicos que melhor atendam aos interesses e necessidades de seus estudantes e das comunidades nas quais estão inseridas.

Perfil da mostra

O perfil dos professores e professoras entrevistados para a nossa pesquisa mostra que a maioria (60%) é casado(a), do sexo feminino (74%), tem entre 36 e 55 anos de idade (66%) e ministra aulas em escolas da periferia (65%). Em relação à situação funcional, 51% são efetivos, 32% da categoria "F" (estáveis pelas lei complementar 1010/2007, regulamentada pela lei complementar 1093/2009) e 15% pertencem à categoria "O" (contratados por tempo determinado e regidos pela lei complementar 1093/2009).

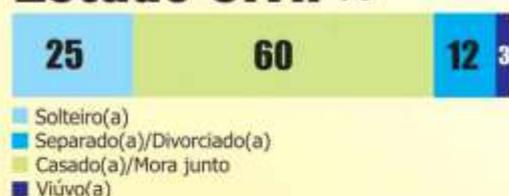
Professores de Escolas Estaduais de SP

Sexo %

■ Masculino
■ Feminino



Estado Civil %



Perfil dos professores

Uma das grandes questões colocadas para a educação brasileira nas últimas décadas se referia à formação dos professores e professoras.

A lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), em seu artigo 62, determina a formação exigível para o exercício do magistério:

"Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)"

Idade %



Situação de Trabalho %

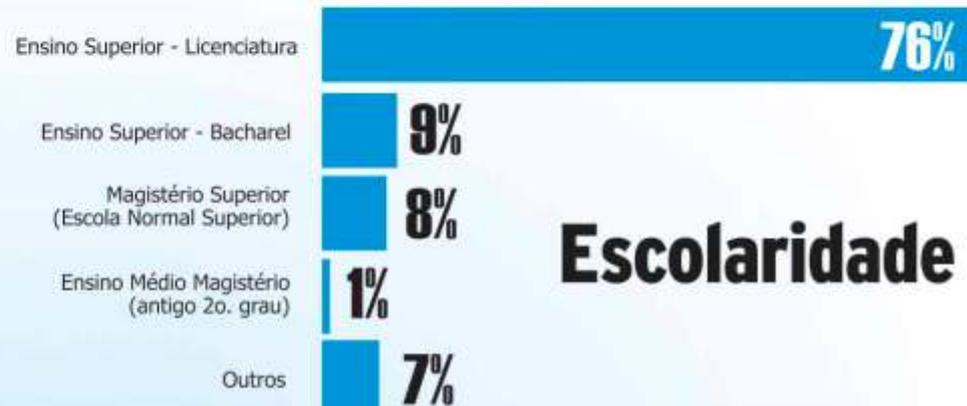


Localização da Escola



Na rede estadual de ensino, de acordo com os dados da pesquisa APEOESP/Data Popular, verifica-se que 84% dos professores possui formação em nível superior (licenciatura ou Magistério Superior). Restam, porém, 9% que possuem bacharelado, mas estão habilitados de acordo com a LDB (17%) e, ainda, 1% que possuem formação de nível médio.

A maioria dos professores possui licenciatura



Outro dado que se ressalta é que a maioria dos professores e professoras entrevistados está na rede estadual de ensino há relativamente pouco tempo. Seis em cada 10 professores ministra aulas nas escolas estaduais há até cinco anos. Apenas 19% permanecem na rede estadual de ensino há mais de 16 anos, sendo que a média de permanência, no momento da pesquisa, era de 6,38 anos.

6 em cada 10 professores lecionam na escola atual há até 5 anos

% Tempo em que lecionam na escola



Média de **6,38** anos

61 %

Para nós este dado demonstra a baixa atratividade da carreira do magistério estadual, o que tem se agravado nos últimos anos. O processo de perda de direitos, achatamento salarial e redução das possibilidades de evolução e progressão na carreira, aliados aos longos interstícios e baixos percentuais de reajuste a cada evolução/progressão, faz com que muitos profissionais busquem oportunidades fora da rede estadual, até mesmo na indústria e no setor de serviços, como é o caso dos habilitados em Química, Física, Biologia, Matemática e outras disciplinas.

A degradação das condições de trabalho, o grande percentual da jornada de trabalho dedicada às atividades em salas de aula e a alta incidência de violência nas escolas também contribuem de forma decisiva para que muitos professores concursados ou contratados permaneçam pouco tempo na rede estadual de ensino.

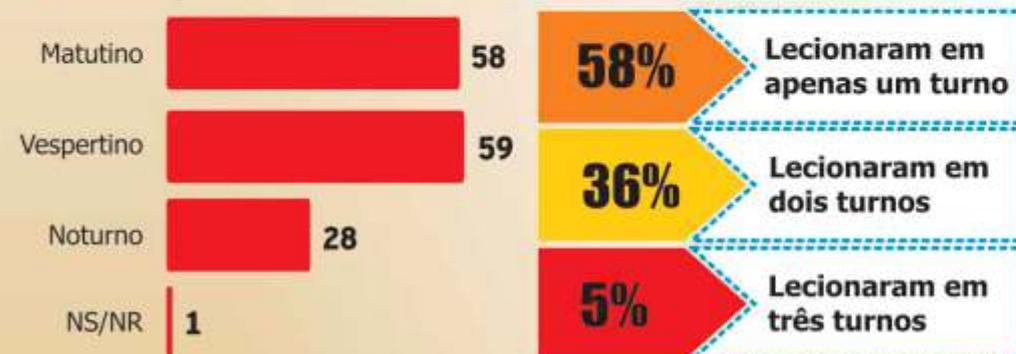
Condições de trabalho

O próximo gráfico também reflete as dificuldades dos professores e professoras da rede estadual de ensino. Ele nos mostra que mais de 40% dos professores da rede lecionam em mais de um turno, sendo que 5% lecionam em três turnos. Dependendo de qual disciplina o(a) professor(a) ministra, isto pode significar ter sob sua responsabilidade de 500 a 800 estudantes.

Considere-se que este professor trabalha em uma jornada de trabalho na qual pouco mais de 17% é destinada às chamadas atividades extraclasse, ou seja, preparação de aulas, correção de provas e trabalhos, pesquisa, atualização, formação. Isto porque o Governo do Estado recusa-se a aplicar a composição da jornada de trabalho prevista na lei 11.738/2008 (lei do Piso Salarial Profissional Nacional), que destina no mínimo 33% da jornada de trabalho do professor para essas finalidades. A APEOESP está lutando na justiça federal (Superior Tribunal de Justiça e Supremo Tribunal Federal) para que a lei seja aplicada e há compromisso da Secretaria Estadual da Educação de negociar no segundo semestre de 2013 a aplicação paulatina da lei.

Cerca de 40% lecionam em mais de um turno

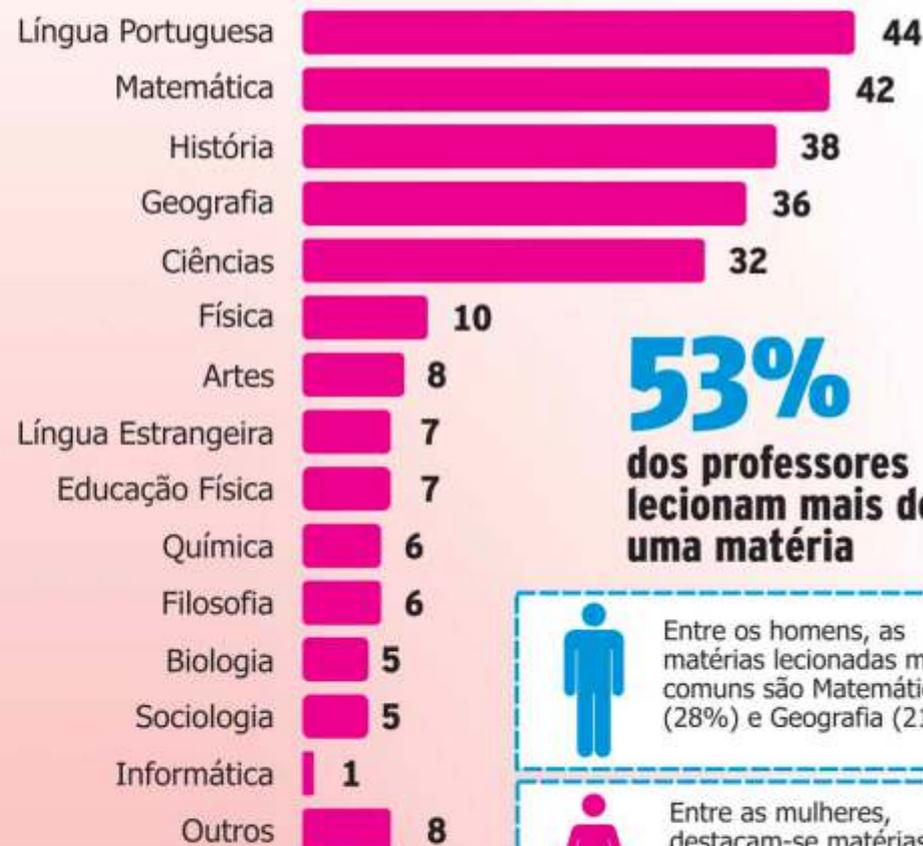
Turno em que lecionou em 2012



O gráfico seguinte mostra que mais da metade dos professores ministra mais de uma disciplina. O ideal seria que isto não ocorresse, mas muitos não tem outra opção em razão dos baixos salários, por um lado, e da falta de professores de diversas áreas, por outro.

O gráfico mostra, também, a distribuição dos professores e professoras por disciplinas e a maior concentração de homens e mulheres em determinadas áreas.

Metade dos professores leciona mais de uma matéria



53%
dos professores lecionam mais de uma matéria

Entre os homens, as matérias lecionadas mais comuns são Matemática (28%) e Geografia (21%)

Entre as mulheres, destacam-se matérias como: Português (55%), Matemática (47%) e História (43%)

Superlotação das salas de aula

Como vimos anteriormente, a superlotação das salas de aula foi apontada na pesquisa DIEESE/APEOESP (2006), como um dos fatores desencadeadores de ocorrências violentas dentro das escolas.

A atual pesquisa demonstra que este permanece sendo um grave problema nas escolas estaduais. Quarenta e quatro por cento dos professores declaram ministrar aulas em classes com mais de 36 estudantes, sendo que 15% ministram aulas para classes com mais de 41 estudantes. A média é de 36 estudantes por sala, muito distante daquela considerada ideal pelos professores e professoras, que é de 26 estudantes por sala de aula.

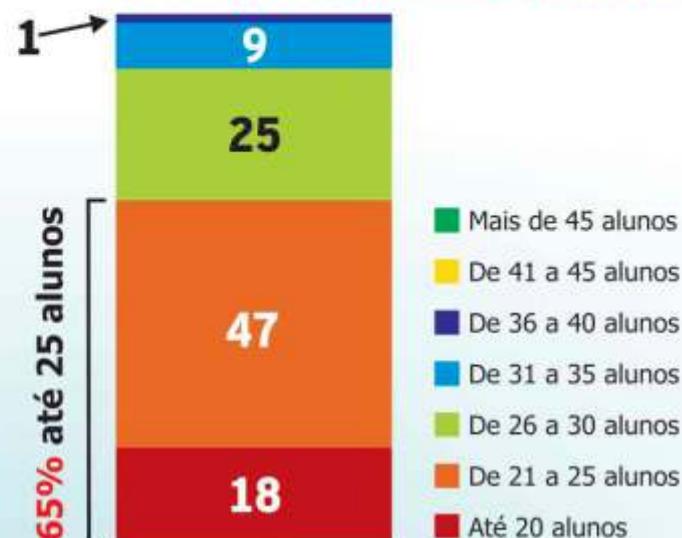
Maioria dos professores tem mais de 30 alunos por sala de aula

% Quantidade de alunos por sala



Mas consideram que 26 deveria ser o número máximo por sala de aula

% Quantidade máxima ideal de alunos por sala



No próximo gráfico, verificamos os resultados nas diversas regiões onde a pesquisa foi feita, o que nos permite verificar as variações entre uma região e outra. No caso presente, verifica-se que a menor média de alunos por sala de aula (33.23) está na região de Campinas/ Piracicaba/Sorocaba, enquanto a maior média (43.11) encontra-se em Bauru/Marília.

Bauru/Marília é a regional que possui, em média, maior número de alunos por sala, mais distante do máximo considerado ideal

Média de alunos por sala e média máxima ideal de alunos por sala

	Grande São Paulo Capital	Bauru Marília	Campinas Piracicaba Sorocaba	Baixada Santista Vale do Ribeira	São José dos Campos Vale do Paraíba	Ribeirão Preto Araraquara	S. José do Rio Preto Araçatuba P. Prudente
Média de alunos por sala	40,97	43,11	33,23	42,65	40,59	33,71	36,07
Média do máximo ideal de alunos por sala	26,31	24,85	24,82	26,21	27,57	24,72	26,42
% de alunos a mais do que o considerado ideal (média)	56%	73%	34%	63%	47%	36%	37%

Violência no ambiente escolar

Vimos anteriormente que o contexto sócio-econômico dos estudantes, as condições estruturais das escolas, as condições de segurança em seu entorno, condições de trabalho dos professores, superlotação das salas de aula e outros fatores podem provocar ou agravar situações de violência dentro das unidades escolares.

Nossa pesquisa quis investigar como estes fatores afetam o relacionamento entre os professores e professoras e os estudantes no cotidiano das escolas.

Os resultados, contidos na próxima tabela, mostram que a maioria dos professores considera seu relacionamento com os estudantes de uma forma geral ótimo ou bom, sendo que este percentual (87%) é maior entre as professoras do que entre os professores (74%).

Os professores avaliam positivamente a relação professor/aluno nas escolas em que lecionam

% Relação dos professores com os alunos



Relação dos professores com os alunos por gênero



Quando se trata de seus próprios alunos, o percentual de satisfação aumenta, chegando a 95%. Isto, evidentemente, se explica pela maior proximidade entre professores e estudantes na mesma sala de aula e o estabelecimento de laços de afetividade entre eles. Ao mesmo tempo, denota que, para os professores, não há uma generalização dos estudantes como provocadores ou agentes de situações de violência dentro das escolas.

E ainda melhor quando avaliam a relação com seus próprios alunos

% Relação dos professores entrevistados com seus próprios alunos



9 entre 10 professores avaliam como ótima ou boa a sua relação com os alunos

Na ilustração seguinte, essa percepção se confirma, quando a maioria dos professores afirma que os estudantes mantêm ótima ou boa relação entre si.

Além disso, 2/3 dos professores afirmam que os alunos possuem uma boa ou ótima relação entre si

% Relação dos alunos entre si



A relação dos alunos entre si nas **escolas centrais** é percebida como melhor do que nas **escolas periféricas**. **75%** dos professores de escolas no **centro** avaliam que alunos possuem uma relação ótima/boa, enquanto na **periferia** este índice cai pra **65%**

Percepção de segurança entre os professores

Vimos anteriormente que as condições sócio-econômicas e a atitude familiar influem no comportamento dos estudantes no interior das escolas, assim como o contexto no qual a escola está inserida deve ser levado em conta na formulação de seu projeto político-pedagógico, para que ela consiga responder adequadamente aos anseios de seus estudantes e da comunidade.

Em relação à violência escolar, nossa pesquisa ouviu os professores sobre a avaliação que fazem sobre a segurança nas proximidades de suas escolas e, também, sua percepção de segurança em sua própria unidade escolar.

Os resultados, no próximo gráfico, mostram que uma parte considerável dos professores e professoras (36%) não se sentem seguros nos bairros nos quais estão localizadas suas unidades escolares.

36% dos professores não se sentem seguros no entorno da escola

% Percepção em relação à segurança no entorno da escola

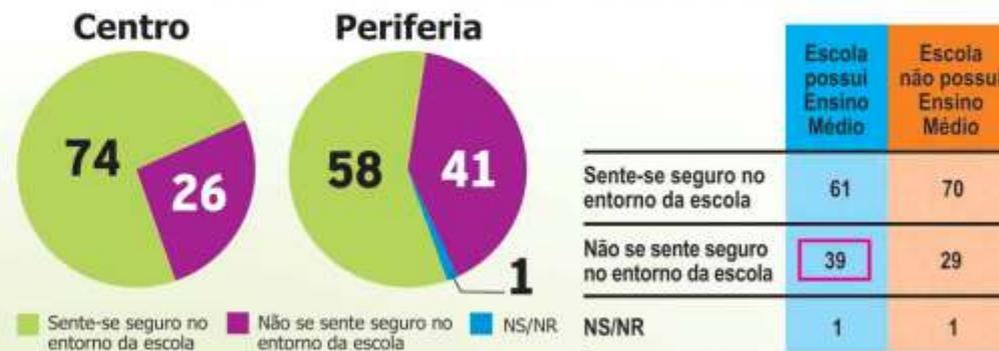


No gráfico a seguir, verificamos que a sensação de insegurança dos professores é maior quando se trata de escolas localizadas na periferia das cidades (41%), embora ainda seja considerável (26%) o número de professores que não se sentem seguros nas escolas localizadas no centro.

Ao mesmo tempo, os entornos das escolas que possuem ensino médio, em todas as situações, são mais inseguros na percepção de 39% dos professores, contra 29% dos professores de escolas que não possuem este nível de ensino.

Entorno de escolas em áreas periféricas ou que possuem Ensino Médio despertam maior insegurança entre os professores

% Percepção em relação à segurança no entorno da escola



Quando analisamos a situação por regiões do estado, notamos que o maior percentual de professores que não se sentem seguros no entorno de suas escolas está localizado na região da Capital/Grande S. Paulo (41%) e na Baixada Santista (40%), enquanto que na região de Bauru/Marília eles se declaram mais seguros nas proximidades de suas unidades escolares.

Embora não tenhamos obtido levantamentos completos sobre os índices de criminalidade por regiões no estado de São Paulo, os indicativos disponíveis por meio da mídia demonstram que essas duas regiões respondem pelos maiores índices de violência, confirmando a sensação de insegurança da nossa categoria.

Grande São Paulo/Capital e Baixada Santista/Vale do Ribeira são as regionais onde os professores sentem-se menos seguros no entorno da escola

% Percepção em relação à segurança no entorno da escola

	Grande São Paulo Capital	Bauru Marília	Campinas Piracicaba Sorocaba	Baixada Santista Vale do Ribeira	São José dos Campos Vale do Paraíba	Ribeirão Preto Araraquara	S. José do Rio Preto Araçatuba P. Prudente
Sente-se seguro no entorno da escola	58%	74%	64%	59%	70%	69%	70%
Não se sente seguro no entorno da escola	41%	25%	35%	40%	29%	30%	30%
NS/NR	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%

Segurança na escola

Os professores parecem sentir-se mais seguros dentro de suas unidades escolares em relação ao seu entorno. Entretanto, considerando-se a natureza e a função social de uma unidade escolar, é muito preocupante o fato de que dois em cada dez professores não se sintam seguros em um local destinado à promoção da educação e da cidadania e à transmissão de conhecimentos.

O gráfico a seguir retrata esta situação, mostrando ainda que a sensação de insegurança nas escolas aumenta entre o ensino fundamental e o ensino médio, obviamente em decorrência do aumento da idade dos estudantes.

2 em cada 10 professores não se sentem seguros dentro da escola

% Percepção em relação à segurança dentro da escola



Sentem-se inseguros dentro da escola

* Não há diferenças significativas entre os professores do centro e periferia com relação à percepção de segurança dentro da escola.

8% Ensino Fundamental I

18% Ensino Fundamental II

22% Ensino Médio

Grande maioria das escolas controlam entrada e saída de pessoas e metade não conta com policiamento no entorno

% Condições / atividades de segurança nas escolas



Entretanto, quando comparamos as respostas dos professores de escolas centrais e de escolas periféricas, surgem algumas diferenças importantes. Na tabela abaixo, verificamos, por exemplo, que as escolas da periferia são abertas em maior proporção à comunidade nos finais de semana que as do centro, mas, ao mesmo tempo, que são mais degradadas ou pichadas e que possuem menos policiamento em seu entorno que aquelas localizadas no centro.

Existem mais ambientes degradados nas escolas da periferia

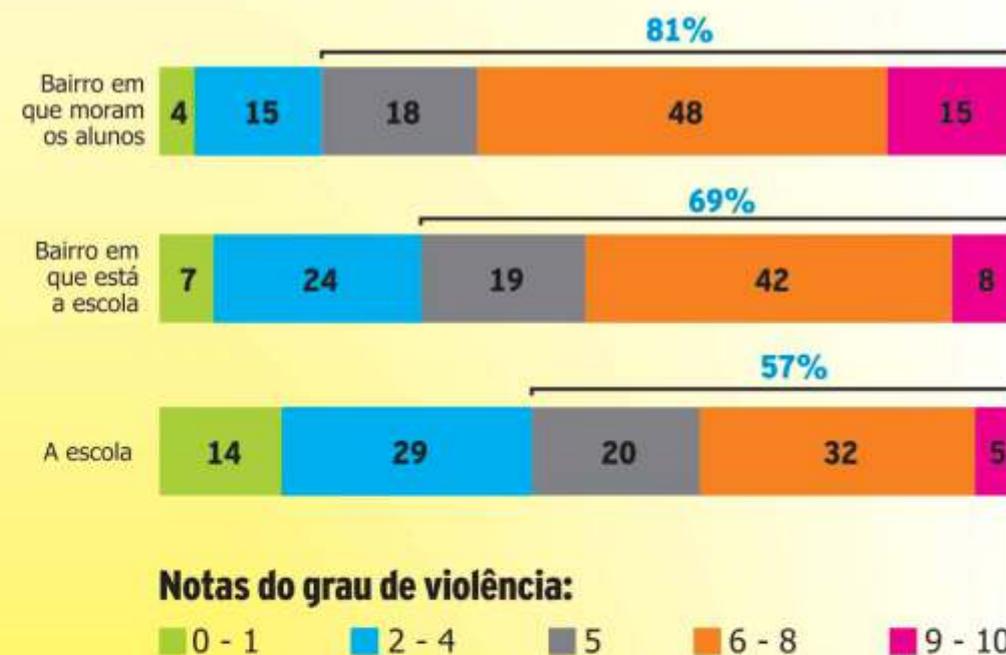
% Medidas de segurança existentes na escola



6 em 10 escolas da periferia são abertas à comunidade nos finais de semana

Mais da metade dos professores consideram suas escolas violentas e a maioria considera os bairros da escola e dos alunos violentos

% Grau de violência



Quando perguntados se consideram suas escolas ou os bairros nos quais elas se localizam violentas, os professores e professoras responderam positivamente. Assim, 81% consideram violentos os bairros em que residem os estudantes da escola, 69% consideram violento o entorno de suas escolas e 57% consideram violento o ambiente das próprias escolas em que ministram aulas.

Observamos, abaixo, que a maioria (63%) dos professores das unidades escolares localizadas na periferia consideram suas escolas violentas, contra 45% dos professores daquelas unidades localizadas no centro das cidades. Esta percepção pode ser confirmada empiricamente pelo noticiário dos meios de comunicação, que costumam retratar com mais frequência ocorrências violentas em escolas dos bairros periféricos, seja na capital, seja nas grandes e médias cidades do interior do estado.

As escolas da periferia são consideradas mais violentas do que as escolas do centro

% Grau de violência da escola – Centro x Periferia



Notas do grau de violência:



63% dos professores consideram escolas da periferia violentas

Em resumo:

A sensação de insegurança é mais acentuada nas regiões periféricas

Os professores consideram as escolas de periferia mais violentas do que as escolas do centro

81% dos professores consideram violentos os bairros onde os alunos moram



O que é violência nas escolas?

Quando solicitados a conceituar o que seria a violência nas escolas, os professores manifestaram opiniões diversas, que vão retratadas na ilustração seguinte.

É importante notar que as respostas não se referem apenas a agressões, sejam verbais ou físicas, mas envolvem um conjunto de atitudes e comportamentos que produzem constrangimentos e/ou prejudicam o andamento da aula que está sendo ministrada. Parte das questões não se referem apenas a fatos que ocorrem no momento da aula, mas denunciam, como violência, falta de políticas públicas, desvalorização do professor e deficiências oriundas de falhas na própria família do estudante.

Como já vimos, os professores, hoje, sentem-se desvalorizados não apenas pelo Poder Público, pelos baixos salários, carreira deficiente, más condições de trabalho e outros fatores, mas também pelos seus próprios alunos e pela sociedade. Eles se sentem desrespeitados e consideram a indisciplina dos estudantes também uma forma de violência, que acaba prejudicando a relação entre ambos. As repercussões dessas diversas formas de violência no processo ensino-aprendizagem é praticamente inevitável, prejudicando os próprios estudantes e também o professor, que termina por sentir-se incompetente e impotente diante da situação. Cria-se, desta forma, um círculo vicioso, no qual a violência, em suas mais diversas formas, gera um ambiente de frustração entre estudantes e professores, que pode gerar ainda mais violência.

Desvalorização do professor

Agressão verbal **Ameaças**
Indisciplina

Violência fora da escola
Problemas familiares

Conflito entre alunos

Falta de educação/respeito

Violência física

Relação ruim aluno e professor

Políticas públicas

Vandalismo

No Estado de São Paulo, as políticas implementadas ao longo dos últimos anos agravou a sensação de desprestígio dos professores e contribuiu para a indisciplina e o desrespeito dos estudantes nas salas de aula. A chamada "aprovação automática" de estudantes, no nosso entendimento, reduz a autoridade do professor e, assim contribui para o aumento da indisciplina e da violência. Por outro lado, quando as autoridades educacionais do Estado jogam a culpa pelos problemas da educação sobre os professores e instituem uma série de provinhas para "avaliar" nossa capacidade profissional, também contribuem diretamente para aumentar a indisciplina e o desrespeito dos estudantes para com o professor. Como esperar que os estudantes respeitem seus professores se parte deles são nomeados como "reprovados" em provinhas que, na nossa opinião, não avaliam nossa experiência e nossa capacidade e servem apenas para punir e excluir?

Recentemente, na greve que realizamos entre 19 de abril e 10 de maio, este foi um dos pontos da nossa pauta de reivindicações. O resultado é que não haverá mais provas para os professores da chamada categoria "F" (estáveis) e, quanto à categoria "O", a prova será classificatória, não havendo mais "aprovados" e "reprovados". Além disso, haverá concurso público para 59.600 vagas de Professor de Educação Básica II, permitindo a mais de 40 mil professores da categoria "O", além dos professores da categoria "F", a chance de se efetivarem na carreira. Vamos continuar insistindo na luta pelo fim da prova para os professores da categoria "O", pois a Emenda Constitucional nº 19 determina a existência de processo seletivo para a contratação de professores temporários, não necessariamente uma prova.

Desinteresse

Violência **Problemas sociais**

Discriminação **Drogas e Álcool**

Crimes e delitos

Postura da direção

Autores e vítimas da violência nas escolas

Os estudantes aparecem em 95% das citações feitas pelos professores quando perguntados sobre quem são os principais autores das ocorrências de violência nas escolas. Trata-se de um percentual que não deixa margem de dúvidas, mas é interessante notar que, em seguida, vem os pais e responsáveis, com um percentual de 5% de citações e, então, desconhecidos, com 4%.

Essa percepção, de forma empírica, pode ser confirmada nos noticiários e nos registros dos casos de violência escolar, mas é preciso que as autoridades, as comunidades escolares, os próprios educadores e o conjunto da sociedade se coloquem diante de um questionamento fundamental: por que isto ocorre?

Ao mesmo tempo, 83% das citações dos professores consideram que os estudantes são as maiores vítimas dessa violência, enquanto os próprios professores aparecem com 44% das citações, seguidos de outros atores.

Para os professores, alunos são os principais atores da violência escolar

% Autores mais frequentes nos casos de violência na escola



E, também, as maiores vítimas dessa violência



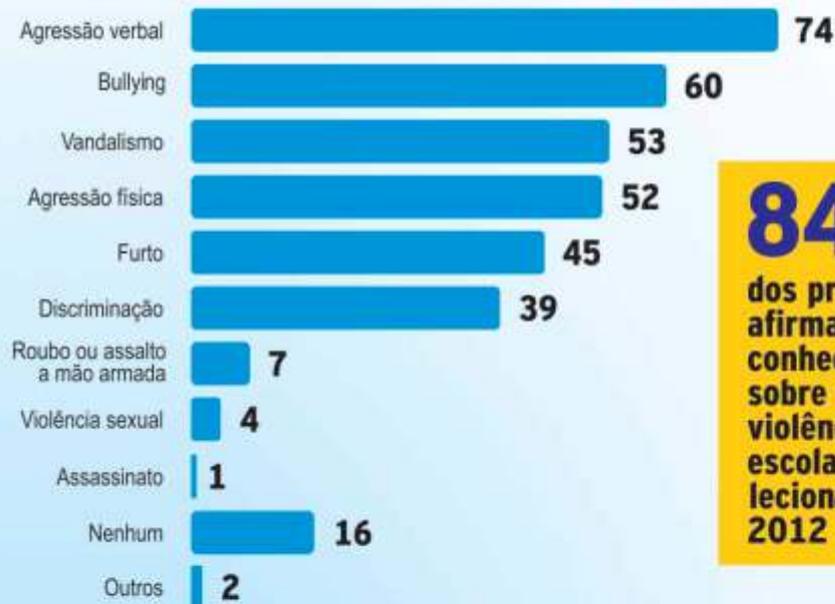
A percepção dos professores sobre autores e vítimas da violência aponta o caminho para o trabalho de prevenção a este problema para as autoridades, para os educadores, para as famílias e para todos interessados na busca de soluções para a violência nas escolas. É preciso criar a consciência entre nossos estudantes de que eles estão imersos em uma espiral que, no limite, joga sobre eles próprios as consequências da indisciplina e da violência que praticam contra seus colegas e contra os professores.

Como esta violência se manifesta?

A seguir, os professores citam os casos de violência que já presenciaram ou dos quais tomaram conhecimento em suas escolas. Note-se que o índice de professores que declara ter presenciado ou tomado conhecimento de casos de violência em sua unidade escolar é praticamente idêntico ao verificado na pesquisa DIEESE/APEOESP, realizada em 2006 entre os delegados do Congresso Estadual da entidade.

A maioria dos professores relatou casos de agressão física, vandalismo, bullying e agressão verbal em suas escolas

% Casos de violência na escola em que lecionou em 2012



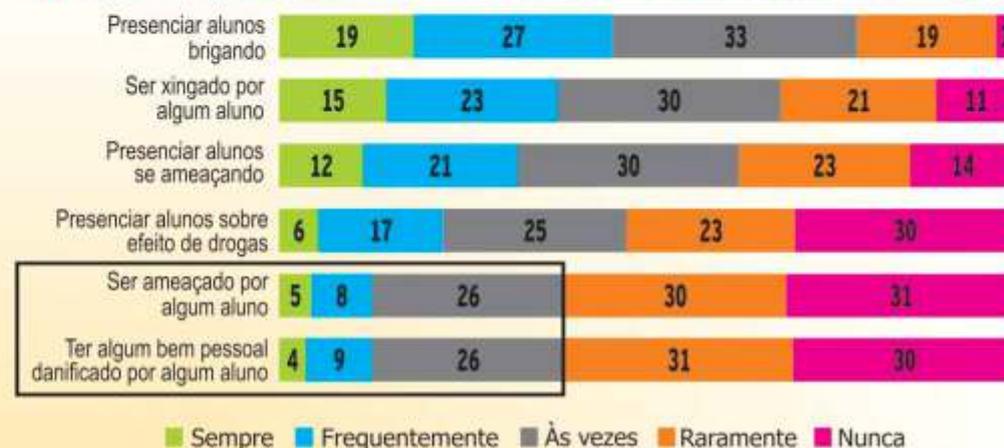
84%
dos professores afirmam ter conhecimento sobre casos de violência nas escolas que lecionaram em 2012

Na pesquisa realizada em 2006, **85%** dos delegados souberam de casos de violência na escola que lecionavam

As tabelas que apresentamos na sequência detalham esses casos de violência, exemplificando os casos que os próprios professores testemunharam. No destaque da primeira tabela, casos em que o próprio professor foi vítima da ocorrência, atingindo percentuais próximos de 40%.

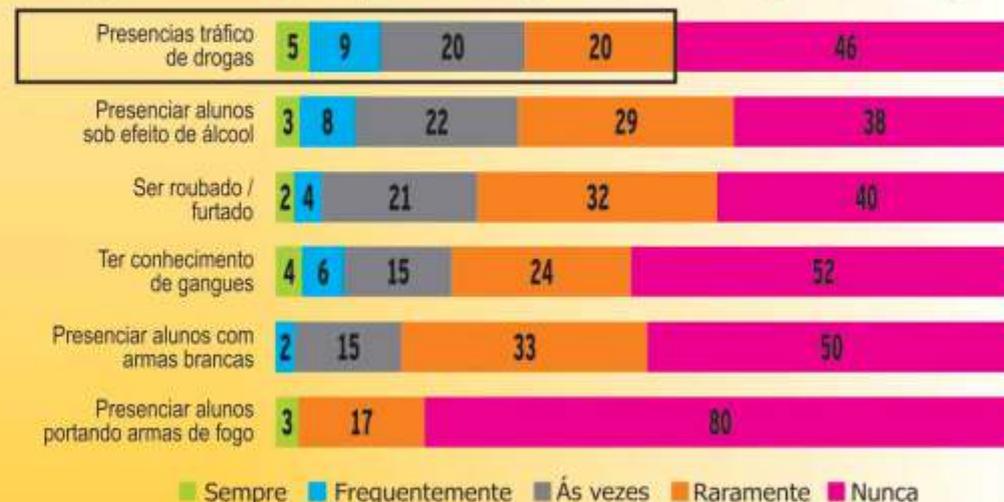
40% dos professores afirmam ser comum, em suas escolas, sofrer ameaças ou ter algum bem pessoal danificado por alunos

% Frequência com que professores da escola presenciaram as seguintes situações



E ainda 3 em cada 10 professores afirmam ser comum presenciar tráfico de drogas nas escolas

% Frequência com que os professores presenciaram as seguintes situações



A violência contra os professores

Os professores são, em grande parte, as vítimas dos casos de violência protagonizados por estudantes. Há centenas de casos dramáticos noticiados pelos jornais ao longo dos anos, mas há muitos outros casos que não chegam ao noticiário e que, infelizmente, já fazem parte do cotidiano de nossas escolas. Muitos destes casos, inclusive, não vem à tona porque os professores têm medo de represálias por parte dos estudantes mais violentos.

Como se verá na tabela a seguir, é grande o número de professores que declara já ter sofrido algum tipo de violência dentro da sua escola. Quatro entre dez professores já vivenciaram este tipo de situação. Muitas vezes estes profissionais solicitam licenças médicas, transferência para outras unidades escolares ou abandonam a profissão. Obviamente, este quadro não provoca sequelas apenas no professor ou professora atingido(a) pela agressão ou ameaça. Ele provoca insegurança em todo o corpo docente e na comunidade escolar, resultando em um ambiente propício a mais ocorrências violentas, resultando em prejuízos ao processo educativo.

44% dos professores entrevistados já sofreram algum tipo de violência em suas escolas

% Casos de violência contra o professor



Quando detalhamos os casos de violência contra os professores por região, verificamos que, novamente, a Baixada Santista (52%) e a Capital/Grande São Paulo (46%) estão entre as mais violentas. Surpreende, porém, o alto índice em Bauru/Marília (51%), pois foi a região na qual os professores declararam considerar o entorno das escolas mais seguro.

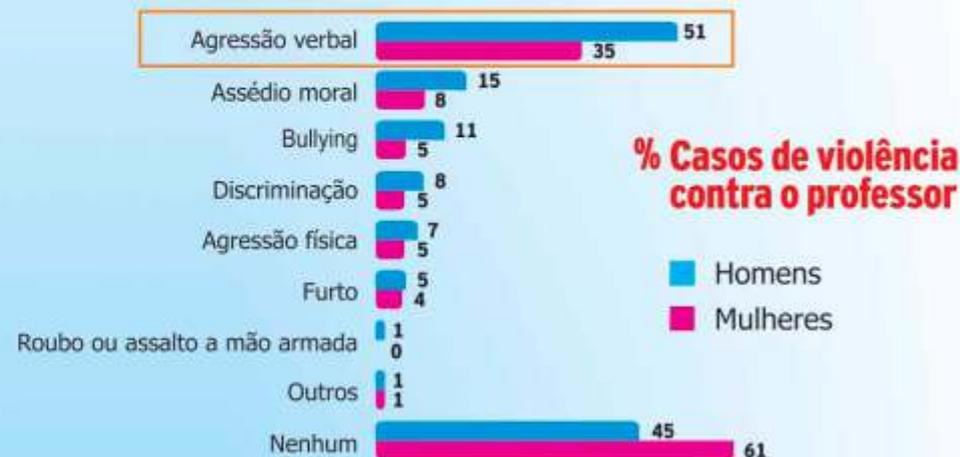
Professores de Bauru/Marília e Baixada Santista/Vale do Ribeira são os que mais relataram sofrer agressões na escola

% Casos de violência contra o professor

	Grande São Paulo Capital	Bauru Marília	Campinas Piracicaba Sorocaba	Baixada Santista Vale do Ribeira	São José dos Campos Vale do Paraíba	Ribeirão Preto Araraquara	S. José do Rio Preto Araçatuba P. Prudente
Já sofreu agressão	46%	51%	39%	52%	38%	38%	43%
Não sofreu agressão	54%	49%	61%	48%	63%	62%	57%

Outra informação que deve ser levada em conta aparece na tabela a seguir. Ela demonstra que os professores (51%) estão mais sujeitos a serem vítimas de violência por parte dos estudantes que as professoras (35%). A informação se completa com a tabela seguinte, que relaciona a ocorrência de casos violentos com o nível de ensino.

Os professores homens relatam sofrer mais violência do que as professoras mulheres



Principais vítimas são os homens que lecionam para o Ensino Médio

	Ensino Fundamental I		Ensino Fundamental II		Ensino Médio	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Sofreu agressão	24%	29%	44%	47%	65%	55%
Não sofreu agressão	76%	71%	56%	53%	35%	45%
Base	18%	414	135	358	206	263

Quais são as medidas tomadas pelas escolas?

Quanto às medidas tomadas pelas escolas com relação à ocorrência de casos de violência em seu interior, a tabela a seguir mostra o que os professores tomaram conhecimento a respeito. A medida mais utilizada é a conversa da direção da escola com pais ou responsáveis, seguida pelo posicionamento do Conselho de Escola, do qual participam a direção da escola, os pais, os professores e os estudantes.

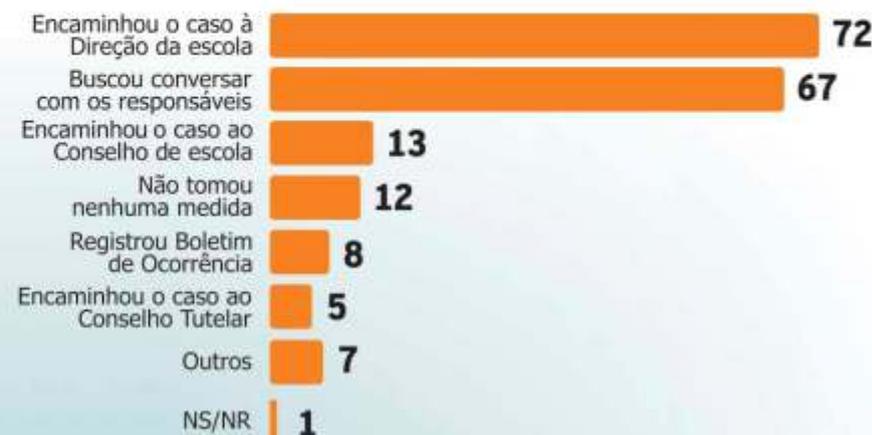
Conversar com os responsáveis e encaminhar à direção é a medida mais comum nas escolas diante dos casos de violência

	Agressão Verbal	Bullying	Vandalismo	Agressão física	Furto	Discriminação
A escola buscou conversar com os responsáveis	87%	80%	70%	85%	33%	74%
A escola encaminhou o caso à Direção de escola	82%	74%	71%	79%	50%	72%
A escola encaminhou o caso ao Conselho de escola	24%	27%	31%	37%	22%	28%
A escola encaminhou o caso ao Conselho Tutelar	34%	12%	17%	32%	14%	12%
A escola registrou Boletim de Ocorrência	28%	6%	28%	35%	60%	7%
A escola não tomou nenhuma medida	22%	3%	5%	2%	16%	5%
NS/NR	2%	4%	3%	1%	8%	3%
Base	657	527	466	456	374	332

Nos casos de agressão verbal:

A medida mais comum direcionada aos alunos que agredem é o encaminhamento à direção da escola

% Medidas tomadas pela escola nos casos de agressão verbal



O fato, porém, é que muitos professores não ficam satisfeitos com o encaminhamento e o desfecho dos casos de violência nos quais são vítimas. Veja a tabela a seguir:

1/4 dos professores ficaram insatisfeitos com o desfecho dos casos de violência sofrida por eles



Ações das escolas contra a violência

Não existe, hoje, no Estado de São Paulo, uma política eficaz de prevenção e combate à violência nas escolas.

O chamado Sistema de Proteção Escolar não funciona, de fato, como um sistema. Ele se constitui de medidas pontuais, nem sempre conexas entre si e não produz resultados eficazes do ponto de vista do controle e redução da violência nas escolas em todo o Estado de São Paulo. Obviamente, como veremos, medidas pontuais também produzem resultados localizados e é importante valorizá-los e, conforme o caso, generalizá-los. Voltaremos a este ponto.

Na atualidade, não existem procedimentos padronizados nas escolas, nem um programa que promova ações em toda a rede, ficando as escolas com a iniciativa de promover ou não ações de esclarecimento, prevenção e combate à violência escolar.

Veja na tabela abaixo a percepção que os professores têm dessas ações. Note-se que, frente ao agravamento da situação, apenas 40% das escolas realizam algum trabalho em relação ao problema. Registre-se, porém, que houve alguma melhoria em relação à situação detectada pela pesquisa DIEESE/APEOESP em 2006, quando 60% das escolas não realizavam nenhuma ação neste sentido.

4 em cada 10 escolas não possuem projetos contra a violência

% Escola faz ou fez algum tipo de trabalho ou campanha contra a violência escolar



Na pesquisa de 2006, 60% das escolas não tinham projetos de combate à violência

Quando detalhamos por região, verificamos que a região de Bauru/Marília (72%) é a que mais tem escolas que desenvolvem trabalhos contra a violência nas escolas, sendo que Grande São Paulo/Capital (50%) é a região que menos desenvolve este tipo de trabalho.

Escolas da Capital/Gde. São Paulo são as que menos estão desenvolvendo trabalhos contra a violência

Escola faz ou fez algum tipo de trabalho ou campanha contra a violência escolar

	Grande São Paulo Capital	Bauru Marília	Campinas Piracicaba Sorocaba	Barxada Santista Vale do Ribeira	São José dos Campos Vale do Paraíba	Ribeirão Preto Araraquara	S. José do Rio Preto Araçatuba P. Prudente
Sim, faz atualmente	50%	72%	66%	52%	66%	65%	70%
Sim, já fez mas não faz mais	31%	17%	18%	28%	22%	16%	20%
Não, nunca fez	19%	11%	16%	19%	12%	20%	10%

Ao detalharmos os trabalhos realizados (vide próxima tabela) vemos que palestras e debates (66%) são a forma mais utilizada, seguidas de dinâmicas em salas de aula (65%). Note-se que, em ambos os casos, cresceram as iniciativas em relação ao passado.

Palestras e debates são as atividades mais realizadas nas escolas que fazem ou já fizeram campanhas contra a violência



O dado que aparece na tabela a seguir é esclarecedor: as escolas com maior índice de violência são as que menos realizam atividades voltadas para o problema. Entre as escolas com violência "muito alta", verifica-se que 27% nunca fez nenhum trabalho deste tipo e 16% parecem ter desistido. Nas que possuem alta e média violência também é alto o percentual delas que nunca desenvolveu nenhum trabalho ou desistiram de fazê-lo. É preciso examinar esses casos para verificar o que foi feito, como foi feito e os motivos deste trabalho não ter produzido efeitos. Da mesma forma, é preciso estudar os casos exitosos, para que possam subsidiar, dentro do cabível, a elaboração de programas e projetos de prevenção à violência escolar para toda a rede.

Escolas mais violentas são as que têm menos ações antiviolência

% Escola faz ou fez algum tipo de trabalho ou campanha contra a violência escolar x grau de violência da escola



Quando perguntados sobre a eficácia das medidas adotadas pelas escolas para prevenir/combater a violência em seu interior, 92% dos professores consideram que se está trabalhando na direção correta. Veja a próxima tabela.

Para maioria dos professores, as ações e campanhas realizadas pelas escolas são eficientes

% Percepção em relação às ações e campanhas realizadas pela escola



Perguntados sobre o envolvimento das diretorias das escolas neste processo, a maior parte (57%) dos professores se declarou satisfeita. Porém, 18% não se consideram satisfeitos e outros 14% mostram-se neutros em relação à questão.

18% dos professores consideram insatisfatório o envolvimento da diretoria no combate à violência

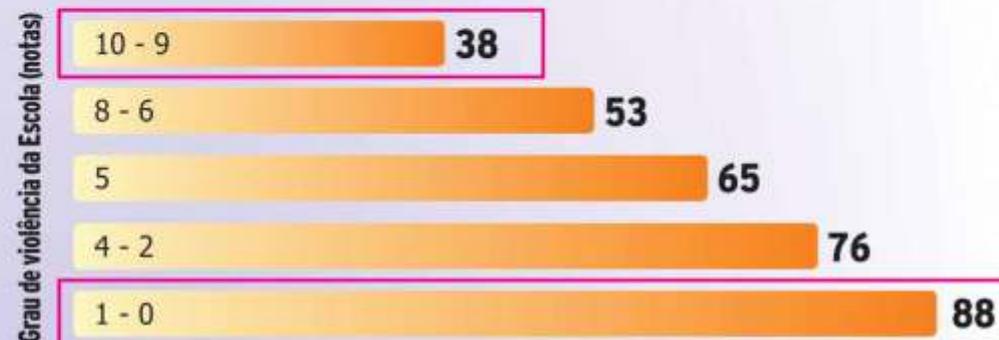
% Envolvimento da diretoria para combater a violência escolar



A insatisfação com o envolvimento da direção é maior conforme aumenta o grau de violência na unidade escolar. Este dado denota a importância do desenvolvimento de um trabalho específico junto aos diretores de escola e demais gestores das unidades escolares e do sistema.

Quanto mais violenta a escola, menor a satisfação com o envolvimento da diretoria no combate à violência nas escolas

% Grau de satisfação com o envolvimento da diretoria para combater a violência escolar (Muito satisfatório + Satisfatório)

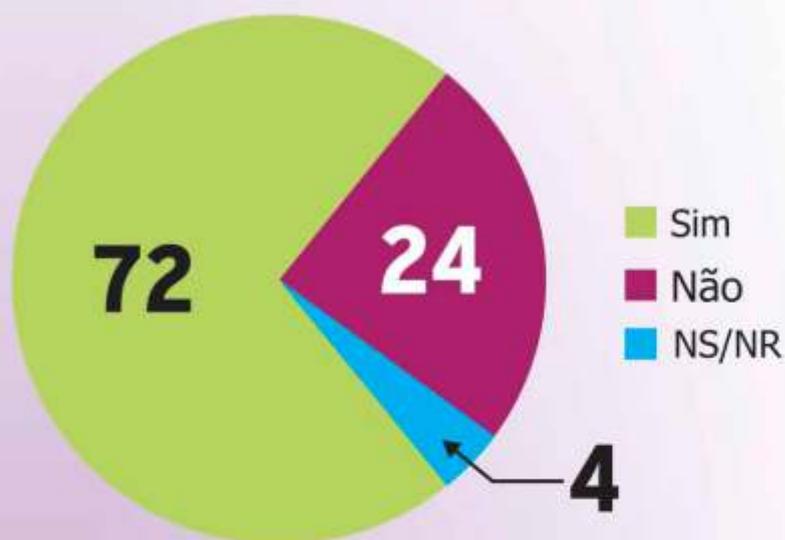


Outro ponto a ser considerado é o papel do Conselho de Escola. Em nossa opinião, cabe ao Conselho de Escola tomar todas as decisões concernentes à vida escolar, a começar pela elaboração do projeto político-pedagógico e todas as demais decisões estratégicas da unidade escolar. A direção da escola deve estar submetida, sempre, às decisões do Conselho de Escola, que deve ter funcionamento regular, democrático e participativo, atraindo e preservando a participação dos pais e dos estudantes, além dos integrantes do Quadro do Magistério.

Toda a comunidade deve estar envolvida no combate à violência nas escolas e isto pode ser feito por meio do Conselho de Escola. Por isso, preocupa o dado que mostraremos na ilustração a seguir e deve ser revertido.

1/4 dos conselhos de escolas não se reúnem regularmente com representantes da comunidade

% Conselho de Escola se reúne regularmente com a comunidade



Bauru / Marília e Ribeirão Preto / Araraquara são as regionais com maior participação da comunidade em Conselhos de Escola: 79%

Vislumbrando soluções

Os professores apontam múltiplas causas para a ocorrência de casos de violência dentro das escolas, muitas delas já abordadas anteriormente. Ao apontarem as causas, de alguma forma também já manifestam suas opiniões sobre possíveis soluções.



Para os professores, como vimos, os pais são em parte responsáveis pelo que ocorre hoje no interior das escolas. Coerentemente, também consideram que os pais tem um papel fundamental na reversão da atual situação. Citam também outros atores de grande importância, como o Governo do Estado e as diretorias das escolas. Devemos ver todos esses atores como co-responsáveis por encontrar soluções, juntamente com todos os demais.

Os professores consideram que os pais devem ser os principais colaboradores para reduzir a violência escolar

% Quem pode resolver o problema de violência nas escolas (primeira menção)



Na percepção dos professores, são os pais que podem resolver a questão da violência escolar. Em segundo lugar, os professores do sexo masculino e feminino divergem em sua percepção: 18% das professoras citam a Diretoria, enquanto 26% dos professores afirmam que é o Governo do Estado que pode conter a violência nas escolas.

Os professores também apontam medidas que podem ser tomadas para reduzir o problema. Novamente, devemos vê-las em sua complementaridade, sem que uma deva, necessariamente, excluir qualquer outra.

Debates, policiamento e profissionais especializados são citados como medidas que contribuiriam para a redução da violência

% Medidas que ajudariam na diminuição da violência escolar



Nós, da APEOESP, lutamos pela recomposição do Quadro de Apoio nas escolas estaduais, pois acreditamos que um dos fatores que contribui para o agravamento das ocorrências violentas nas escolas estaduais, embora não seja o único nem o principal, é a defasagem de funcionários em relação às necessidades das unidades escolares. A terceirização dos servidores das escolas também influi nesta situação, porque ela faz com que haja pouca ou nenhuma integração destes funcionários ao projeto político-pedagógico das escolas e, em decorrência, pouco comprometimento com seus objetivos e sua rotina. Além disso, com a terceirização também passa a haver maior rotatividade de funcionários, dificultando ainda mais este compromisso.

Reivindicamos do Estado, portanto, que o Quadro de Apoio nas escolas seja recomposto por meio de concursos públicos, dotando as unidades de pessoal capacitado, em número suficiente e comprometido com o projeto político-pedagógico e com o processo educativo.

Ao mesmo tempo, consideramos que ao professor cabe a tarefa precípua de transmitir de forma sistematizada aos estudantes o conhecimento historicamente acumulado e, ao mesmo tempo, estimular a produção de novos conhecimentos, como parte da dinâmica do processo ensino-aprendizagem.

Hoje, porém, nas escolas públicas, o professor vai muito além desta função. Muitas vezes ele faz o papel de pai e mãe, aconselhando seus alunos em assuntos que fogem à sua formação e aos conteúdos das disciplinas que ministram. Em situações de conflito dentro da escola o professor é também chamado a cumprir um papel que não lhe cabe e para o qual não dispõe da formação adequada.

Por isso, nós da APEOESP lutamos para que todas as unidades escolares disponham de equipes multidisciplinares compostas por profissionais especializados, como psicólogos e assistentes sociais, que possam contribuir para evitar, minimizar e resolver problemas relacionados à violência.

Os professores pesquisados apontam também outras formas de prevenir e minimizar o problema:

Envolver os alunos em debates e discussões é a forma como os professores dizem poder contribuir para reduzir a violência

% Como o professor pode contribuir com a diminuição da violência nas escolas



Entre as ações apresentadas que podem contribuir com a diminuição da violência escolar, os professores citam a discussão em aula sobre o tema como a principal.

IV. Conclusões

Cenas de violência como as que ocorrem dentro das escolas são inadmissíveis. Entretanto, para 57% dos professores consideram as escolas públicas estaduais violentas. Dois em cada dez professores não se sentem seguros dentro de suas próprias escolas e, apesar de considerarem ótimas ou boas as relações com os estudantes, quatro em cada dez declararam já terem sido vítimas de algum tipo de violência dentro da unidade escolar.

Vimos nesta pesquisa que os professores já presenciaram os mais diversos tipos de violência nas escolas. Três em cada dez já presenciaram tráfico de drogas ou estudantes sob efeito de bebidas alcoólicas, lembrando que estamos falando de crianças e jovens menores de 17 anos de idade.

Os professores consideram que os estudantes são os principais agentes, mas também as principais vítimas da violência nas escolas e que os pais ou responsáveis têm grande participação nas causas da violência, mas são os agentes que podem dar uma contribuição fundamental para resolvê-la, juntamente com o Governo do Estado. Estaria aqui a chave para a solução deste problema?

Nós, da APEOESP, acreditamos no diálogo como forma de ação política, mas também acreditamos na mobilização como o motor das transformações. Para nós, a solução para o problema da violência nas escolas envolve uma aliança estratégica entre professores, pais, estudantes, o poder público e a sociedade. É preciso desenvolver dentro de cada escola projetos de esclarecimento, prevenção e combate à violência, mas estes projetos não terão sucesso sem o envolvimento das famílias e da comunidade.

Ao Poder Público cabe prover os meios e, juntamente com a comunidade escolar e com a sociedade, elaborar políticas educacionais e sociais que respondam aos anseios destas crianças e jovens que hoje não se sentem contemplados pelas escolas do ponto de vista curricular, do ponto de vista estrutural e do ponto de vista de perspectivas para uma inserção ativa e produtiva na sociedade.

Gestão democrática é a palavra-chave. Conselhos de Escola representativos e atuantes podem ser o fator fundamental para a superação de um quadro que nos entristece, nos desanima e compromete profundamente o futuro de milhões de crianças e jovens na rede estadual de ensino de São Paulo.

Podemos vencer e vamos conseguir.

Esta é uma publicação do CEPES: Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais, Sindicais e Gerenciamento de Banco de Dados da APEOESP

COORDENADORA:

Maria Izabel Azevedo Noronha
(Presidenta)

DIRETORES RESPONSÁVEIS:

Fábio Santos de Moraes
(Secretário Geral)

Nilcea Fleury Victorino
(Secretária de Formação)

Maria Sufaneide Rodrigues
(Secretária de Assuntos Educacionais e Culturais)

Rita de Cássia Cardoso
(Secretária de Políticas Sociais)

Luiz Gonzaga José
(Secretário de Finanças)

Odimar Silva
(Secretário de Administração)

EXPEDIENTE:

Roberto Guido
(Secretário de Comunicações)

Projeto Gráfico
Sérgio Gerber



SINDICATO DOS
PROFESSORES DO ENSINO OFICIAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO

Filiado à **CNE** e **CUT**

Realização:

DATA POPULAR



**SINDICATO DOS
PROFESSORES DO ENSINO OFICIAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Filiado à **CNE** e **CUT**